

**A NARRATIVA COMO MÉTODO: PESQUISA / FORMAÇÃO CONTINUADA DE
EDUCADORES**

Luiza Helena Da Silva Christov, Eliane Bambini Gorgueira Bruno

Eixo 2 - Projetos e práticas de formação continuada
- Relato de Pesquisa - Apresentação Oral

O artigo apresenta os pressupostos epistemológicos para os estudos realizados no âmbito da linha Linguagens e Formação de Educadores do grupo de pesquisa Arte e Formação de Educadores do Instituto de Artes da UNESP, cadastrado junto ao CNPq. Suas pesquisas contemplam o objetivo central de identificar, registrar e analisar narrativas de educadores para compreender desafios, mistérios e sentidos produzidos pelos mesmos a partir de suas inserções em contextos educacionais. Destacamos o caminho encontrado pelo grupo para aliar metodologia de pesquisa à metodologia de formação de educadores e potencializar reflexões em educação continuada. A narrativa de educadores é valorizada como recurso epistemológico para dois movimentos de construção de conhecimento: no âmbito da pesquisa sobre formação e no âmbito da criação dos processos formativos. Como resultados, pode-se identificar que o narrar é caminho potente para descoberta de sentidos a respeito de experiências de formação; que os discursos literário e filosófico ampliam campo de análise das narrativas de educadores e que nossos estudos podem subsidiar experiências de educação continuada. Palavras chave: pesquisa, formação continuada, narrativas.

A NARRATIVA COMO MÉTODO: PESQUISA / FORMAÇÃO CONTINUADA DE EDUCADORES

Profa. Dra. Eliane Bambini Gorgueira Bruno; Profa. Dra. Luiza Helena da Silva Christov.
Instituto de Artes da UNESP.

Narrativas como foco

O grupo de pesquisa Arte e Formação de Educadores, cadastrado junto ao CNPq desde 2006, conta com três linhas de pesquisa: políticas de arte/educação e currículo; história e metodologias de arte/educação e linguagens e formação de educadores.

Esse artigo refere-se aos estudos produzidos na linha Linguagens e Formação de Educadores, cujo campo de pesquisa é constituído por três vertentes de investigação:

- como transformar experiências de educadores em palavras?
- como construir aproximações a experiências educadoras diversas e potencialmente férteis para se aprender com referências que não se limitam ao âmbito das teorias pedagógicas e da educação escolar tal como tradicionalmente colocada em nossa cultura?
- qual o potencial das linguagens artísticas e metafóricas para a formação em geral e a de educadores em especial?

Cada uma das vertentes acima é adensada por questões que servem de guia para nossas buscas e ao mesmo tempo de recolocações e aberturas para novas perguntas. Cada possibilidade de aproximação a um lugar de respostas traz nela mesma outra coleção de perguntas.

Cada uma das vertentes abarca, também, pressupostos teóricos que apresentamos brevemente aqui.

Quando nos perguntamos sobre como transformar a experiência em palavra, partimos do pressuposto de que viver e narrar constituem duas experiências distintas e de igual relevância para o ser humano. A experiência sempre transborda da narrativa, escapa aos limites da narrativa, é maior. A narrativa é sempre uma escolha que recorta a experiência e coloca mais luzes aqui ou ali, protegendo nas sombras o que não se quer ou não se pode narrar.

Concordamos que uma das relevâncias da narrativa está no fato de que aquele que narra não fica indiferente a sua própria narrativa. Coloca-se em contato com sua singularidade

e mirada interior e ao fazê-lo toma para si o conteúdo de sua experiência para questioná-la e assumir uma posição de aprendiz diante do que vivencia.

Quando nos perguntamos sobre aproximações a experiências educadoras diversas e potencialmente férteis para aproximações a lugares misteriosos da vivência educacional, partimos do pressuposto de que é impossível esgotar a explicitação a respeito de regras, técnicas e modos de ensinar e aprender. Consideramos também a ideia de que buscar referências em campos diversos pode ampliar nosso repertório para além do discurso pedagógico mais tradicional, conquistando com essa ampliação novos modos de pensar, de dizer e de fazer educação.

Quando nos perguntamos qual o potencial das linguagens artísticas e metafóricas para a formação em geral e a de educadores em especial, acreditamos que muitas situações de formação docente exigem novos ares, novas palavras, novas histórias e novas perspectivas. Exigem o deslocamento para novos lugares, além do discurso pedagógico. Narrativas de experiências que sugerem novos lugares e modos de se ensinar e aprender tornam-se assim o foco de nossas pesquisas.

Pesquisa / formação: encontro potente para educadores em formação

O primeiro movimento de pesquisa a ser ressaltado refere-se ao fato de que os narradores são convidados a contar uma história por eles vivenciada em nosso grupo. O universo de educadores no qual se situam os convidados abarca a rede de contatos profissionais e pessoais de cada um dos pesquisadores que constituem o núcleo mais permanente do grupo. Por meio de tais redes, tem-se um conjunto de informações necessárias para contextualizar os critérios do convite. São critérios coletivos, explicitados no grupo, porém também marcados pelas trajetórias de cada um dos participantes do referido núcleo permanente.

Os educadores convidados devem estar associados a experiências:

- oriundas de diferentes níveis, lugares e status em educação, podendo, assim, ser convidado um (a) gestor (a), professor (a), oficinairo (a), pesquisador (a) de espaços formais e não formais, de qualquer nível de ensino: básico ou superior. E de qualquer área do conhecimento;
- que se caracterizam por procedimentos facilitadores de pensamento questionador, voz e registros, os mais diversos, por parte dos formandos em termos dos assuntos tratados;

- que tragam elementos considerados misteriosos e pouco enfrentados em análises educacionais, tais como intuição, inconsciente, espiritualidade, sonhos;
- que valorizam a metáfora e diferentes linguagens como forma de comunicação;
- que se reportam a diferentes culturas e modos de ser educador.

O convite é opção epistêmica e ética, pois com ele se valoriza educadores que talvez nunca teriam espaço de divulgação de seus trabalhos e fazem do grupo um espaço de voz ampliada, não exclusivo de seus pesquisadores permanentes.

O segundo movimento, aliado ao primeiro, refere-se à orientação para que o educador convidado elabore sua narrativa a seu modo, evidenciando o que considera relevante narrar, sabendo que sua narrativa é ofertada para aprendizado e que será publicada. Pode-se identificar três etapas no trabalho do educador convidado: elaborar a narrativa; apresentá-la e discutir questionamentos/entendimentos do grupo e reelaborar a narrativa a partir da discussão, para sua publicação.

Nesse momento de apresentação ao grupo, começa o terceiro movimento da pesquisa e o convidado e grupo anfitrião estão em pleno galope formador cujo foco central é a descoberta de sentidos: de onde veio, para onde vai e como pode andar melhor o que fazemos. O que fazemos em dois campos, pelo menos: o da experiência narrada e o da conversa com ela. Duas experiências se confrontam: o da ação narrada e o da conversa com ela. Vivenciar, narrar, pensar. Vivenciar, narrar, pesquisar. Narrar novamente. Aprende-se com história contada pelo convidado e com a conversa que se tem sobre ela. Aprende-se com as histórias todas: do narrador e dos leitores/ouvidores. Lembrando que a formação/pesquisa do convidado começa solitariamente, antes de oferecer sua narrativa ao grupo, reconstruindo sua trajetória, selecionando ângulos de sua experiência que mereçam ser exibidos ou escondidos, criando sentidos e formas de narrar.

A partir da apresentação, convidado e anfitriões aprendem, pensam mais, refazem ações ao entrar em contato com a própria narrativa e com narrativas de parceiros. Defrontam-se com os limites e com a potência da própria língua e são obrigados a pesquisar metáforas para dizer mais, para dizer de outro modo e para selecionar o que contar. Aprendem ao fazer perguntas à própria experiência; ao criar e descobrir sentidos. Aprendem todos a ver a si mesmos como autores, sentem-se, assim, autorizados a dizer sobre o que vivem. Para uma abordagem de formação que pretenda questionamento, criação e cuidado com próprio pensamento, em diálogo com pensamento alheio, esse convite e tudo o que dele tem derivado não tem preço. Para todo o resto existe um cartão de crédito qualquer.

O movimento de pesquisa/formação que abarca conversas com a narrativa oferecida merece ser um pouco mais explicitado aqui. Individuais e coletivas, as conversas

contam com outras narrativas que se entrelaçam, uma vez que autores são convidados para presença virtual de conforto, contextos, autorizações e depurações de perguntas.

Destacamos aqui dois autores, dentre muitos, chamados por nós para ampliar a condição de pensamento na escuta de narrativas de educadores: Jorge Luis Borges e Jorge Larrosa Bondia. Um poeta e um filósofo, dois discursos propositalmente aqui enfatizados como exemplo de narrativas que ampliam nosso pensamento e nosso gesto de educador/pesquisador.

Jorge Luis Borges compareceu com seu conto denominado A Rosa de Paracelso. Neste conto, Paracelso pede a seu Deus um discípulo e quando um jovem desconhecido bate à sua porta, os dois travam um diálogo no qual o jovem insiste para que o mestre demonstre o milagre de fazer surgir uma rosa. Paracelso se nega e quando o jovem vai embora decepcionado, faz surgir a rosa. Esse conto levou nosso pensamento para hipóteses: sobre o que teria levado o mestre à recusa do milagre e à perda do discípulo; sobre autoridade questionada do mestre; sobre postura desconfiada de quem poderia ter sido um discípulo; sobre a cobrança para que o mestre demonstre e comprove seu saber, sua técnica; sobre a convicção do discípulo de que ao ver o mestre fazer surgir a rosa, seria possível reproduzir seu poder; sobre posturas e relações entre mestres e discípulos. Enfim, sobre ensinar e aprender. A narrativa que Borges oferece dentro do gênero conto incitou nossa curiosidade e favoreceu nossa compulsiva elaboração de hipóteses, porque o conto não trazia explicações, não trazia uma só possibilidade de se pensar o acontecimento narrado. O gênero desse discurso permitiu nosso pensamento. Atuou como portas por onde, para utilizar uma imagem de João Cabral de Mello Neto em seu poema Fábula do Arquiteto quando traz a ideia de que a arquitetura deve construir portas de abrir, portas por onde e nos parece outra metáfora importante para associarmos ao desejo de favorecer pensamento, fala, escrita, ação e modo de ser. Estamos buscando experiências de formação que se construam como portas de abrir, portas por onde.

Tal concepção encontrou parceria ainda mais exuberante com a leitura de Jorge Larrosa Bondia. Dentre inúmeras histórias que ele nos conta a respeito de aprender e ensinar, consideramos especialmente relevante para nossa abordagem a imagem de que a formação é uma viagem aberta (Larrosa, 2003), uma viagem interior na qual alguém concede a alguém a possibilidade de aprender, de se formar, de mudar.

E essa concessão não parte do mestre apenas, mas sobretudo do aprendiz. Para mudar, para me formar, para aprender, preciso conceder minha escuta, minha paixão, meu padecimento, minha entrega curiosa ao aprendizado. Curiosa e nunca desconfiada, como se apresentou o falso discípulo de Paracelso no conto de Borges. Ao contrário, para minha efetiva mudança de lugar, para que eu consiga sair da caverna e olhar de outra

perspectiva o mundo, preciso de uma entrega assentada na confiança. Além dessa imagem da entrega curiosa àquele que, como mestre, pode oferecer um novo lugar para olhar, valorizamos a imagem de abertura sugerida por Larrosa.

Abertura porque os sentidos serão descobertos no percurso. Abertura porque cada convidado, quer seja um autor consagrado/reconhecido/ popularizado virtualmente presente às rodas de leitura e conversações ou um educador em carne e osso convidado para narrar sua experiência, conhecida em pequeno círculo são portadores de surpresas e desafios sempre novos em momentos novos. Abertura porque os leitores das narrativas apresentadas são habitantes de diferentes paisagens, com diferentes arranjos para as palavras que herdaram de inúmeras mães, com perguntas sempre únicas e geradas em modos muito particulares de ser, padecer e ler uma história. Abertura porque, sobretudo, não há mestre que controle a concessão alheia para o aprendizado. Em outras palavras, gostamos da imagem oferecida por Larrosa de que a formação é uma viagem aberta porque não somos robôs. Somos surpresa e descontrole sempre que possível. E, em muitas ocasiões, quando não é possível também.

O valor da formação que se dá no interior da experiência

A trajetória de nosso grupo vem permitindo a construção de método para potencializar o aprendizado com a experiência, com a inserção na escola ou em diferentes espaços educacionais. Narrar, expor, conversar e entrelaçar a própria narrativa com outras narrativas constitui pesquisa e formação simultaneamente.

Os contextos de atuação que, no caso de nossos educadores, são prioritariamente as escolas, em qualquer nível, oferecem o chão e as relações, carregados de desafios, exigindo produção de nexos e sentidos por parte dos educadores.

Cada contexto é fonte surpreendente de questões e padecimentos a serem analisados e significados com vistas a criações de novas relações ou preservações daquelas consideradas valiosas pelos grupos ocupadores de lugares.

Quando identificamos a narrativa dos educadores como método fundamental para reunir pesquisa e formação, por permitir criação de história a respeito do que se vive em certo contexto, em certa escola, vislumbramos algumas condições para pensarmos projetos de educação continuada nas escolas.

Tais condições contemplam tempo e espaço para cada educador narrar, e com isso criar sua história, produzir/descobrir sentidos. Contemplam tempo e espaço para cada narrador/educador ouvir as demais narrativas: de colegas, de formadores, de autores. Contemplam tempo e espaço para o confronto polêmico, questionador entre as narrativas diversas. Contemplam a possibilidade, ou melhor, a garantia de tempo e espaço que se

configure como gerador de novas narrativas sempre tão potentes quanto o movimento experiencial das escolas gerando novas questões e modos de educar. Sempre.

Mire veja: o mais importante e bonito do mundo é isto: que as pessoas não estão sempre iguais, ainda não foram terminadas - mas que elas vão sempre mudando. Afinam ou desafinam. Verdade maior. É o que a vida me ensinou. Isso me alegra de montão. (Guimarães Rosa)

Referências

BORGES, Jorge Luis. A Rosa de Paracelso. In Obras completas. Rio de Janeiro: Livraria José Olympio Editora, 1976.

CHRISTOV, Luiza H.S. (org.) Narrativas de educadores: mistérios, metáforas e sentidos. São Paulo: Editora Porto de Ideias, 2012.

LARROSA, Jorge e **SKLIAR**, Carlos. (orgs.) Habitantes de Babel: políticas e poéticas da diferença. Belo Horizonte: Autêntica, 2001.

_____. Pedagogia Profana: danças, piruetas e mascaradas. Belo Horizonte: Autêntica, 2003.